

A CIRANDA DE LÁGRIMAS

Ilan Brenman

Resenha

Há mais de mil anos, a cada final de março, os cinco maiores chorões do mundo, cinco seres encantados, se reuniam no topo da montanha Lacrimosa para compartilhar experiências a respeito da arte de verter água pelos olhos. Cada encontro terminava com uma Ciranda das Lágrimas, em que todos choravam juntos lágrimas de tristeza, felicidade, espanto, ciúme, amor, transbordando os sentimentos mais diversos.

Certa vez, porém, algo inusitado ocorreu: exatamente quando os cinco estavam se debulhando em choro, uma tempestade que se formava arrastou as lágrimas da ciranda para a cidade, gerando uma série de consequências extraordinárias. A fada Rosilda, por exemplo, que até então era só felicidade e estava sempre bem vestida e bem arrumada, conhecida por suas maneiras impecáveis, passou a usar calças *jeans* rasgadas e deixar o cabelo desganhado. João Marcelo, que sempre estava de terno e gravata falando ao celular, de repente viu crescer na sua cabeça um enorme chapéu com guizos e gargalhou como nunca ao ver seu reflexo no vidro do carro. Maricota, que nunca saía de



Coordenação:
Maria José Nóbrega

casa e passava o dia todo na frente da televisão, de repente vestiu um maiô com listras lilás e mergulhou sem medo nas águas do mar. Danilo, que costumava fazer piadas o tempo todo às custas dos outros, pela primeira vez começou a escutar a si mesmo. Quanto a Jair e Vanessa, dois irmãos órfãos, viram-se de repente vestidos com vestes reais, diante de um profuso banquete.

Em *A ciranda de lágrimas*, um conto moldura nos oferece uma chave para adentrar uma série de narrativas curtas. As lágrimas das personagens encantadas que se reúnem sobre a montanha lacrimosa, uma vez espalhadas pela cidade, deflagram movimentos profundamente transformadores em personagens muito diversas. É como se o choro e as emoções tivessem o poder de fazer com que certas personagens, aparentemente bem adaptadas à sociedade ou imersas em uma rotina com poucas possibilidades, de repente se abrissem para uma outra maneira de se relacionar consigo mesmo e com seus arredores. A transformação acarretada pelas lágrimas, embora se dê também no plano concreto, transformando roupas, cabelos, adereços e vestimentas das personagens, se dá sobretudo num plano psíquico, fazendo-as chorar, rir, rebelar-se ou se tornar mais ousadas ou introspectivas. Em todos os casos, pode-se dizer que

o efeito das lágrimas é libertador, permitindo que a personagem em questão se liberte de alguma idiosincrasia. Embora as narrativas sejam de certo modo independentes entre si, ao final do livro Ilan Brenman coloca todos as personagens para compartilhar um mesmo banquete.

Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

Chorar ou não chorar, eis a questão. Sou mãe de um casal de filhos com dois anos de diferença, tratados com bastante equidade (ou, no mínimo, com grande esforço para isso). Juro que nunca falamos em casa que homem não chora ou que só mulher pode chorar, mas os estereótipos nos alcançaram. Eu e minha filha somos choronas assumidas, meu marido e meu filho não choram quase nunca. Talvez o exemplo valha mais que mil não-palavras.

Logo que começamos a ler a *A ciranda de lágrimas*, meu filho começou a alfinetar a irmã: "Você é tão chorona que podia participar da ciranda também". Essa frase mostrou que, para ele, chorar é algo ruim. Ela não gostou da provocação, mas, dessa vez sem lágrimas, respondeu que nem chora





tanto assim. Só que, seguindo com a história do livro, algo inesperado aconteceu. Descobrimos que as lágrimas dos grandes chorões têm poderes. Enormes poderes. Aqueles que choram muito são uma espécie de super-heróis, que fazem do mundo um lugar melhor.

A história tem um quê de fábula, pois está recheada de acontecimentos fantásticos, que podem ser interpretados como metáforas para situações da vida real. As ilustrações contribuem para construir esse ar fabuloso, com diversos detalhes inusitados, como peixes no cabelo, barbas extremamente pontudas, árvores em formatos esquisitos. Observá-las atentamente é outra forma de “ler” a história. Por mais que a narrativa pareça séria – trata até de órfãos que vivem nas ruas –, a cada página as imagens davam um tom bem-humorado e já adiantavam mais ou menos o que iria acontecer.

Ainda que tudo tenha seguido dentro da lógica própria do livro, a transformação da Maricota, que descobriu a existência de um oceano em frente de sua casa, incomodou minha filha. Como Maricota poderia não saber do oceano bem à porta?

“Impossível”, disse ela, que nem tinha questionado uma fada perder suas asas. Não sei explicar a razão de apenas esse trecho ter despertado estranheza, mas aproveitei para sugerir que esse mar poderia ser um símbolo de alguma outra coisa, um ambiente agradável, fluído, desconhecido. Perigoso, talvez? Cabem tantas interpretações no mesmo mar.

Lágrimas, lágrimas, para que te quero? As mudanças que as lágrimas provocaram foram diferentes em cada pessoa. Meus filhos pareceram aprovar todas as reviravoltas: a fada perfeitinha virou uma pessoa mais rebelde e real; o cara sempre sério virou palhaço; a moça muito introvertida tomou coragem de desbravar o mundo. Menos uma, a do Danilo.

O rapaz ter deixado os “amigos” de lado para ler foi a transformação mais polêmica. Meus filhos não viram nada de positivo no silêncio e na solidão. Para eles, rir sempre parece maravilhoso. Tentei argumentar que não é normal alguém rir sempre e que perder o amigo, mas não perder a piada faz a pessoa solitária também... Não sei se os convenci,

mas ao menos os fiz pensar sobre essa possibilidade: alguém que só vivia para os outros descobrir que também existe um universo dentro dele.

Em casa, ninguém chorou com a leitura, mas consideramos que a mudança mais comovente foi a final. Diferentemente dos outros personagens, os irmãos mantiveram suas atitudes de cumplicidade e amizade, o que mudou o contexto externo, da miséria para a abundância material. Um contexto que os dois não teriam como resolver sozinhos. Assim como tantas crianças no mundo real também não têm. Com ou sem lágrimas, que a gente nunca deixe de se comover e agir.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da

Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: <www.bibliotecailanbrenman.com.br>.



Leia Mais...

Do mesmo autor e série

- ✦ *A colecionadora de pedras*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A dobradura do samurai*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Depois do foram felizes para sempre*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Mamãe é um lobo!* São Paulo: Moderna.
- ✦ *O mistério de Daniel*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O nariz da Cris*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O que cabe num livro?* São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Se eu abrir essa porta agora*, de Alexandre Rampazo. São Paulo: SESI-SP.
- ✦ *Mania de explicação*, de Adriana Falcão. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga.
- ✦ *A parte que falta*, de Shel Silverstein. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *E foi assim que eu e a Escuridão ficamos amigas*, de Emicida. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

